



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

A MOBILIZAÇÃO NAS FAVELAS CARIOCA CONTRA OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID 19

GLAUCIO GLEI MACIEL ¹

Resumo

Apesar da COVID-19 ter se expandido inicialmente nos bairros nobres da cidade, a pandemia rapidamente se expandiu pelas favelas da cidade do Rio de Janeiro e trouxe à tona o impacto do enfraquecimento atual das políticas sociais. A partir de entrevistas, que vem sendo realizadas desde janeiro de 2021, o presente artigo pretende abordar o impacto do coronavírus nas favelas cariocas, analisando, primeiramente, a precariedade das políticas públicas nas favelas e os desdobramentos dessa realidade no contexto da Covid-19. Pretende-se, ainda, questionar a noção das favelas como espaços de ausências para compreender a riqueza e criatividade dos saberes e conhecimentos que ali circulam e que se manifestam justamente em contextos de crises, como a da pandemia do coronavírus².

Palavras-chave: COVID 19, favelas cariocas, formas de resistência social.

1 Estudante de Pós-Graduação. Puc-rio

2 Uma primeira versão desse artigo foi publicada na revista *Desigualdade e Diversidade*, nº20 (2021).

Abstract

Although COVID-19 initially spread in the city's noble neighborhoods, the pandemic quickly spread through the favelas of the city of Rio de Janeiro and brought to light the impact of the current weakening of social policies. Based on interviews, which have been conducted since January 2021, this article intends to address the impact of the coronavirus in Rio de Janeiro's favelas, analyzing, firstly, the precariousness of public policies in the favelas and the unfolding of this reality in the context of Covid-19. It is also intended to question the notion of favelas as spaces of absences to understand the richness and creativity of the knowledges that circulate there and that manifest themselves precisely in contexts of crises, such as that of the coronavirus pandemic.

Keywords:

COVID 19, Rio de Janeiro favelas, forms of social resistance.

1. Introdução

Apesar da pandemia ter chegado ao Rio de Janeiro por pessoas vindas da Europa, sobretudo da Itália e ter infectado inicialmente bairros da Zona Sul e a Barra da Tijuca, rapidamente foi se compreendendo que a Covid 19 não era “elitista” ou “democrática”. Muito pelo contrário, a doença rapidamente começou a se espalhar por bairros da Zona Oeste, cidades da Baixada Fluminense, assim como pelas favelas da cidade.

Diante da ausência inicial de uma vacina ou de um medicamento realmente eficaz, a indicação mais difundida no combate à pandemia foi o isolamento social e o aumento de medidas preventivas de higiene. Isso obviamente era muito mais complicado em áreas faveladas diante da enorme densidade habitacional. Como manter isolados doentes em moradias onde inúmeras pessoas partilham um só ambiente? Como exigir a lavagem periódica das mãos, de embalagens de produtos ou de roupas em lugares com serviço precário de água? A pandemia trouxe à tona realidades cotidianas de parcela importante da população carioca, que normalmente só se manifestam em contextos de crises.

Além disso, para muitos dos moradores de favelas, suas atividades profissionais não

lhes permitem atuar de forma remota e precisavam continuar a se locomover para trabalhar. Algumas atividades foram, aliás, profundamente impactadas pela restrição de locomoção e o isolamento, como ambulantes ou diaristas. Vale destacar que esses trabalhadores estão muito expostos ao risco de contaminação pela Covid-19, e, do ponto de vista financeiro, foram mais afetados, visto que não possuem garantias trabalhistas.³

Também cabe ressaltar que os níveis elevados de informalidade e ausência de direitos que atingem os trabalhadores não são resultados da pandemia. O neoliberalismo acirra as transformações no âmbito do trabalho, através das redefinições dos sistemas de proteção social e da perda de direitos e precarização das políticas sociais. Segundo Antunes (2020, p. 09), “são resultados da combinação letal entre a crise estrutural do capitalismo, que destrói sistematicamente a legislação social protetora do trabalho, e uma crise sociopolítica sem precedentes”.

Além disso, muitos favelados trabalham também em atividades consideradas essenciais e foram importantes para que o isolamento do restante da população pudesse se realizar, como os entregadores ou comerciários. Para esses trabalhadores, não lhes foram oferecidas condições adequadas de transporte, tampouco, ao menos no início da pandemia, equipamentos de proteção para trabalhar com segurança. As dificuldades se multiplicaram para essas famílias, quando nos damos conta que, sem escolas, muitos pais não tinham onde deixar seus filhos. Com escolas fechadas, muitas das crianças dessas famílias ficaram aglomeradas em casas de cuidadoras para que seus pais pudessem trabalhar.

Em consonância com Harvey (2020, p. 32), podemos afirmar que este segmento social “está na vanguarda e tem o peso de ser a força de trabalho que está com o maior risco de contrair o vírus por meio de seus empregos ou de ser demitida sem ter garantias por causa da contenção econômica imposta pelo vírus”. São estas pessoas que compõe o grupo que não pode trabalhar em casa. Ainda segundo Harvey (Op. Cit.), “isso aumenta a divisão social [...] da mesma maneira que aprendi a chamar os terremotos na Nicarágua (1973) e na Cidade do México (1995) de “terremotos de classe”, o progresso do COVID-19 exhibe todas as características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça”.

Essas são apenas pequenas situações, que começaram a contrastar com as primeiras imagens da quarentena europeia, com as pessoas cantando nos balcões de suas casas. Era notório, desde o início, que tal abordagem era romantizada (mesmo para a realidade europeia) e completamente fora da realidade das favelas cariocas. De antemão,

3 Para saber mais sobre o assunto acesse: <https://ufrn.br/imprensa/noticias/35459/domesticas-estao-entre-as-mais-expostas-a-contaminacao-pela-covid-19> (acesso agosto de 2020)

era necessário retrabalhar a informação e fazer com que o combate ao coronavírus se inserisse na realidade brasileira e, mais especificamente, carioca. O trabalho incansável de comunicadores comunitários, acadêmicos e lideranças sociais procuraram trazer as favelas para o centro do debate, forçando inclusive a grande mídia a alterar profundamente sua forma de abordar a pandemia (CLAPP, GONÇALVES e BASTOS, 2020, p. 14).⁴

O presente artigo pretende abordar o impacto do coronavírus nas favelas cariocas, analisando, primeiramente, a precariedade das políticas públicas nas favelas e os desdobramentos dessa realidade no contexto da Covid. Pretende-se, posteriormente, questionar a noção das favelas como espaços de ausências para compreender a riqueza e criatividade dos saberes e conhecimentos que ali circulam e que se manifestam justamente em contexto de crises. Retoma-se aqui artigo anterior dos autores (GONÇALVES E MACIEL, 2020), agregando dados das primeiras entrevistas realizadas junto à moradores de favelas no contexto da pesquisa de pós-doutorado do primeiro autor.⁵

2. A pandemia e as favelas

A pandemia causada pelo Covid 19 trouxe à tona o impacto do enfraquecimento atual das políticas sociais. A expectativa é de um acentuado aumento da desigualdade social nas principais cidades do país, sobretudo no Rio de Janeiro. A pandemia reforçou a importância do Sistema Único de Saúde brasileiro, mas também como o seu sucateamento atinge duramente a população mais pobre. Em consonância com esse raciocínio, Ferreira (2018, p. 9), ao criticar a precarização do SUS, destaca que:

Diariamente é noticiado nos jornais e demais meios de comunicação os problemas enfrentados pelos brasileiros na utilização dos serviços de saúde pública. Dificuldade de acesso, carência de medicamentos e filas intermináveis são alguns dos exemplos. Essa situação de precarização abre espaço para que o setor privado atue na política de saúde. E assim essa política passa a ser analisada como mercadoria.

A situação da Saúde já era particularmente difícil na cidade do Rio de Janeiro com

4 Esse foi o objetivo inicial, por exemplo, do Movimento Seja Vivo, coordenado pelos professores Rafael Soares Gonçalves (PUC-Rio) e Celso Sanchez (UNIRIO) e que congregou vários profissionais, lideranças e moradores de favelas para levar informação de qualidade para esses espaços. Ver: <https://www.facebook.com/SejaVivo-106051687710815/>

5 Trata-se de projeto de pós-doutoramento, financiado pela FAPERJ e cujo título é Covid 19 e as formas de resistência social nas favelas cariocas. O projeto pretende mapear as redes de apoio existentes nas favelas no contexto da pandemia, procurando identificar conceitos e ferramentas inovadores nas práticas ali existentes

hospitais sucateados e com equipes com salários atrasados. Ao invés de utilizar os recursos para investir nos equipamentos de saúde existentes revertendo a precariedade da saúde, os recursos emergenciais no contexto da pandemia se voltaram sobretudo para hospitais de campanha⁶. Com acusações de corrupção que resultaram no impeachment do governador, alguns desses hospitais nem chegaram a ser inaugurados diante da queda das taxas de infecção na cidade. As respostas dos poderes públicos não miraram o atendimento básico, tampouco a obtenção de equipamentos de segurança para os profissionais, nem a testagem em massa da população.

Se a resposta de estados e municípios foi relativamente rápida em alguns casos, a resposta do governo federal foi catastrófica. Como um profeta do caos, o presidente minimizou a doença e, sem nenhuma empatia, vem desdenhando dos impactados e mortos.⁷ O presidente estabeleceu uma falsa dicotomia entre vida e economia, que, no fundo, vem provocando milhares e milhares de mortes e reforçando de forma exponencial a crise econômica. Junto com a falta de gestão federal com seus sucessivos ministros da saúde e sem nenhuma coordenação nacional, assistimos estarecidos os sucessivos colapsos dos sistemas públicos de saúde em cada estado (CLAPP, GONÇALVES E BASTOS, 2020, p. 10).

O país assistiu chocado a falta de oxigênio nos hospitais de Manaus, enquanto o Ministério da Saúde fazia campanha para a distribuição local de hidroxicloroquina. Investiu tardiamente na vacinação, que não conseguiu engrenar satisfatoriamente até ao menos o final do mês de maio. O ritmo da produção de vacinas continua aquém da estrutura existente no país, por causa dos inúmeros conflitos suscitados pelo governo brasileiro em relação aos chineses, o que vem dificultado a chegada de insumos do país asiático. Apesar de centenas de milhares de mortos, o governo ainda defende inacreditavelmente medicamentos já comprovadamente ineficazes. A forma absurda de gestão da pandemia suscitou inclusive a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito no Senado.

Esperava-se, em tempos de epidemia, uma postura do Estado, em suas diferentes esferas, bem distinta. A ênfase em hospitais de campanha, necessários de forma emergencial, poderia ter sido acompanhada pela reabilitação dos inúmeros leitos abandonados nos hospitais da cidade, sobretudo da rede federal. Da mesma forma, seria

6 Para saber mais sobre o assunto acesse: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/denuncias-de-corrupcao-na-saude-do-rio-motivam-desinformacao-nas-redes/> (acesso agosto de 2020).

7 Ver: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177> (acesso agosto de 2020).

necessária uma maior reflexão no atendimento básico com o acompanhamento dos moradores desde os primeiros sintomas de forma a evitar a propagação do contágio. A falta de testes e de investimentos no atendimento básico produziram um número imenso de subnotificação.

O Rio de Janeiro, como um dos epicentros da pandemia no país, apresentou uma elevada taxa de letalidade, sobretudo de pobres e negros. A atuação dos poderes públicos levou a uma naturalização das mortes, o que reforça a necropolítica (MBEMBE, 2016) brasileira como política de Estado.⁸ Segundo reportagem do Jornal o Globo, de 1º de agosto de 2020, pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostrou que 79,6% dos 6.735 óbitos registrados na capital até o dia 13 de junho ocorreram nas áreas mais pobres da cidade, a maioria longe da Zona Sul, Barra e Grande Tijuca, que têm Índice de Desenvolvimento Social (IDS) mais alto. Mesmo tendo mais idosos, principal grupo de risco para a doença, essas regiões com população de maior poder aquisitivo tiveram uma taxa de letalidade média de 10%, metade da registrada nos locais mais carentes, de 20% em média.⁹

Essa situação é reforçada pela surreal realidade do aumento das operações policiais nas favelas cariocas mesmo diante da necessidade de isolamento social. Os primeiros meses de 2020 foram os mais sangrentos, reforçando a mencionada necropolítica. Há inúmeros relatos de moradores e militantes, que tiveram que suspender atividades contra a Covid por causa de operações policiais¹⁰. Até o mês de junho de 2020, o Rio de Janeiro foi o estado com o maior número de operações policiais: 2.772 e também o maior número de mortos: 483.¹¹

Diante disso, o Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, concedeu liminar temporária proibindo operações policiais em favelas do Rio de Janeiro. A Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº635 das Favelas foi uma

8 A porcentagem de mortes em hospitais públicos, segundo reportagem do site Uol do dia 21 de junho de 2020, era o dobro dos hospitais privados. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/21/mortalidade-em-utis-publicas-para-covid-19-e-o-dobro-de-hospitais-privados.htm> (acesso agosto de 2020)

9 <https://oglobo.globo.com/rio/estudo-do-ipea-ve-questao-social-em-mortes-por-covid-no-rio-maioria-das-vitimas-vivia-em-areas-mais-pobres-da-cidade-24562094> (acesso agosto de 2020)

10 Verifique um dos casos no seguinte endereço: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/05/21/entrega-de-cestas-basicas-e-interrompida-por-tiroteio-no-rj-jovem-morre.htm> (acesso agosto de 2020)

11 Ver <https://www.redeTV.uol.com.br/jornalismo/redetvnews/videos/seguranca/rj-tem-o-maior-numero-de-mortos-em-operacoes-policiais-diz-pesquisa>. (acesso agosto de 2020)

resposta à iniciativa dos diferentes segmentos sociais contra a política de segurança do Estado.¹² Apesar da ADPF, a operação na favela do Jacarezinho no último dia 6 de maio de 2021 deixou pelo menos 1 policial e 28 favelados mortos, muitos com sinais de execução.¹³

Um de nossos interlocutores nos descreveu a angústia de viver operações policiais em plena pandemia:

[...] Além de enfrentar o vírus, a discriminação, o desemprego, a fome etc., temos que enfrentar as operações policiais. Na minha casa, ninguém sai ou entra sem verificar os sinais da presença da polícia, pois temos medo de ser parte das estatísticas (MORADOR 2 DA FAVELA DA MANGUEIRA-ENTREVISTA REALIZADA NO MÊS DE MAIO DE 2021).

Em termos urbanísticos, a pandemia trouxe enormes desafios para aplicar as medidas de prevenção nas favelas, como a precariedade crônica do abastecimento de água¹⁴. Da mesma forma, alguns moradores de favelas já anteriormente atingidas por doenças respiratórias, como a Rocinha, manifestavam a preocupação por uma expansão descontrolada do vírus. Observa-se, aliás, o impacto da ausência de políticas públicas de urbanização de favelas nos últimos anos. Os projetos de urbanização realizados, como o do Governo do Estado do Rio de Janeiro com recursos do PAC durante a preparação da cidade para os Jogos Olímpicos, foram muito criticados por terem priorizados equipamentos com grande visibilidade, como teleféricos, mas com pouca utilidade para os moradores e em detrimento das reais necessidades da população.

Este abandono do Estado também pode ser verificado na carência de políticas socioeconômicas reparadoras durante a pandemia. A oferta de serviços de prevenção e cuidados com a COVID-19 foi insuficiente para atender à crescente demanda dos moradores das favelas. Ciente deste fato, as populações faveladas identificaram a necessidade de fomentar a criação de novas formas de resistência social, incluindo em seu plano de sobrevivência a criação de redes de apoio. As redes de troca e apoio nas favelas

12 Após a proibição das operações foram 72,5 % menos morte no Rio, destaca o Jornal Brasil de Fato, publicado em 04 de agosto de 2020. Para mais informações acesse: [https://www.brasildefato.com.br/2020/08/04/stf-mantem-suspensao-das-operacoes-policiais-em-favelas-durante-pandemia\(aceso agosto de 2020\).](https://www.brasildefato.com.br/2020/08/04/stf-mantem-suspensao-das-operacoes-policiais-em-favelas-durante-pandemia(aceso agosto de 2020).)

13 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/tiroteio-deixa-feridos-no-jacarezinho.ghtml> (acesso maio de 2021).

14 Moradores e Defensoria Pública falta de água durante a pandemia no Rio, revela a CNN Brasil, em 28 de março de 2020. Ver: [https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/03/28/moradores-e-defensoria-publica-denunciam-falta-de-agua-durante-a-pandemia-no-rio\(aceso agosto de 2020\).](https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/03/28/moradores-e-defensoria-publica-denunciam-falta-de-agua-durante-a-pandemia-no-rio(aceso agosto de 2020).)

são espaços importantes de atenção ao enfrentamento da pandemia e da pobreza decorrente de um processo histórico, que vem se acirrando e certamente continuará elevado por muito tempo.

3. Formas de resistência nas favelas cariocas

As medidas contra a doença e a recessão global podem perturbar o funcionamento da economia, com consequências “potencialmente terríveis”. Sem uma ação imediata, corremos o risco de assistir a uma emergência alimentar global – com impactos em longo prazo para milhões de pessoas.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho¹⁵, a crise socioeconômica ampliada pode deixar 25 milhões de pessoas sem trabalho e aprofundar a pobreza no mundo, com uma perda de renda para os trabalhadores de US\$ 3,4 trilhões em 2020. Em face disso, a previsão, segundo a ONU¹⁶, é de que o PIB do planeta sofra um golpe de US\$ 2 trilhões, jogando a economia mundial em uma profunda recessão. Ainda que o efeito previsto seja mitigado por ações governamentais, é previsível que no Brasil deve aumentar o desemprego, a precarização do trabalho e a saúde pública. Isso se manifestará com uma maior degradação ambiental sob um contexto ainda mais dramático da necropolítica.

Outro morador da favela da Mangueira nos relatou sua perda de emprego, realidade de milhares de trabalhadores na cidade:

[...] fiquei sem emprego no início da pandemia, estou até agora sem conseguir nada formal... se souber de alguma coisa avisa. Ao me ver nessa situação, fui buscar apoio de parentes. Depois comecei a catar material reciclado, não rende muito dinheiro, mas dá para comprar algum alimento (MORADOR 1 DA FAVELA DA MANGUEIRA – ENTREVISTA REALIZADA NO MÊS DE MAIO DE 2021).

Esses dados expõem a situação negativa da sobrevivência dos trabalhadores e, sobretudo, dos negros que já se encontravam à margem da sociedade. Observa-se, assim, o risco de um maior empobrecimento das populações periféricas no Brasil e, mais especificamente, no Rio de Janeiro. A precariedade da resposta do Estado justificou e suscitou o fortalecimento de práticas de resistência social e a estruturação e ampliação de

15 Ver <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707842> (acesso agosto de 2020).

16 Ver: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/03/18/pandemia-pode-causar-desemprego-de-25-milhoes-de-pessoas.htm>(acesso agosto de 2020).

redes de sobrevivência, tanto no plano epidemiológico quanto no aspecto econômico.

As mudanças ocasionadas pela COVID-19 tendem a influenciar ainda mais as políticas socioeconômicas no mundo, diminuindo seu fluxo (que já é precário), desestimulando sua prática, mudando, inclusive, o perfil daqueles que, de alguma forma, conseguiram algum tipo de apoio das políticas sociais e do próprio trabalho (ANTUNES E ALVES, 2004). Apesar das vergonhosas filas nos bancos para obter o benefício emergencial, a concessão desse benefício pelo governo federal, sob iniciativa do parlamento, minorou os impactos da crise econômica para a população mais pobre. No entanto, o fim do pagamento desse benefício e o retorno tardio em valores muito menores fazem com que o horizonte econômico no pós-pandemia se avizinha bem complicado.

O morador entrevistado da favela do Cerro Corá relata suas dificuldades econômicas e já nos indica algumas formas de solidariedade:

Sempre trabalhei no campo do turismo. Já deu mais dinheiro... Agora com a pandemia, o número de turista aqui no corcovado baixou. Ou seja, continua pingando (entrando dinheiro), mas é pouco. Então, eu e minha esposa montamos uma barraca lá na Praia do Flamengo... O lucro não está bom: pouca gente, fiscalização e proibição quebra a arrecadação. Mas está de boa. O tempo que sobre, além de me dedicar a família, também ajudo a galera a enfrentar o covid-19. Já lavei muitos bicos, levei muitas cestas básicas para aqueles (as) que tem pouca mobilidade e as vezes compro alguma mercadoria (cerveja, água e refrigerante) para a galera vender em Copacabana (MORADOR 4 – FAVELA CERRO CORÁ- ENTREVISTA REALIZADA NO MÊS DE ABRIL 2021).

Em função da supressão de direitos sociais que as relações econômicas impõem cada vez mais, as atividades de resistência social valorizam o autêntico, o que se origina localmente e que foge do homogêneo (ZAOUAL, 2009). Os desafios atuais da gestão da crise da saúde nas favelas passam por ações locais de enfrentamento à COVID e suas consequências. Tais ações potencializaram trocas de experiências e a geração de receitas significativas através da circulação dos recursos entre os próprios favelados. As pautas construídas pelos grupos minoritários se puseram em diálogo e, por vezes, em conflito, com as respostas do Estado.

Desde que cheguei ao morro há mais de 20 anos tenho esse pequeno comércio (padaria). Daqui saiu o dinheiro para construir minha casa e sustentar a família. Agora é esse mesmo lugar que segura as pontas (finanças), principalmente dos meus filhos que ficaram sem emprego. Eu ajudo no que posso, mas também coloco

meu menino e minha menina para ajudarem outras pessoas que necessitam mais. Para isso, meus garotos se juntaram com o pessoal lá do asfalto e estão arrecadando dinheiro pela internet e com eles compram alimentos de pequenos agricultores e distribuem na favela (MORADOR 1 – FAVELA DE SÃO CARLOS. ENTREVISTA REALIZADA NO MÊS DE MAIO DE 2021).

A minha situação está precária, tem seis anos que não consigo trabalho. Faço bicos como ajudante de pedreiro, as vezes quando sobra um dinheiro, compro mercadoria e vou vender na praia... Mas, com a pandemia tudo ficou mais difícil. Passei a receber ajuda das igrejas e de pessoas que trabalham em organizações sociais. Porém, não fico parado... apoio um grupo de moradores que vão quase todos os dias de casa em casa para saber se tem uma pessoa (os idosos e solitários) necessitando de ir ao médico, de material de limpeza, prato de comida... sabe como é? A gente não tem muito mais se ajuda [...] (MORADOR 1 DA FAVELA FINAL FELIZ. ENTREVISTA REALIZADA NO MÊS DE MAIO DE 2021).

Em suma, trata-se de inovações importantes de articulação dos empreendedores locais, moradores, grupos de ativistas e lideranças. Tais iniciativas fomentaram redes locais de negócios, em direção a um objetivo de sobrevivência comum, minimizando os impactos negativos da crise e maximizando a distribuição de alternativas. A observação da realidade atual aponta que a chave de quase todas as respostas contemporâneas aos desafios acima elencados está no desenvolvimento de um planejamento participativo, que estimule a democratização das receitas e promova formas sustentáveis de lidar com os recursos escassos. Diante da COVID-19 e do acirramento das problemáticas sociais que se avizinham, espera-se que seus resultados proporcionem uma gestão pública também democrática, de maneira que as partes interessadas possam participar nos processos de decisão ou interferir na condução do processo naquilo que lhes afeta diretamente (HALL, 2008; OLIVEIRA, 2008).

Além da questão econômica, observam-se práticas de resistência social nas favelas com medidas inovadoras no tratamento da Covid. O esforço da mobilização nas favelas se iniciou com os comunicadores comunitários para trazer informações fidedignas sobre o coronavírus para as favelas. Tendo em vista o desconhecimento do vírus, a elitização dos meios de comunicação tradicionais em tratar o tema e a profusão das fake news, isso foi um grande desafio para tais comunicadores. Chama atenção não só a distribuição dos recursos arrecadados, mas sobretudo a transmissão de conhecimentos (FLEURY E MENEZES, 2020, p. 279).

Além disso, foi necessária muita criatividade por parte dos comunicadores para chegar a informação aos moradores. Foram usados os portais locais de informação, os grupos de whatsaps, as redes sociais, caminhões de som, cartazes e o tradicional boca a boca. Em algumas favelas, foram pintadas o número de infectados e mortos em muros nas favelas para que a população pudesse acompanhar o crescimento da pandemia. Como analisa Menezes e Magalhães (2021), o trabalho feito na construção dos painéis comunitários questiona a ação do Estado e reverte a tentativa de tornar invisível a realidade da pandemia nas favelas. Tensionam um campo de disputa em torno da verdade da pandemia nas favelas e periferias.

A questão da subnotificação foi algo constante, sobretudo nas favelas. Segundo o presidente da Associação de Moradores do Jacarezinho, Leonardo Pimentel: “Acho que mais de 20 mil pessoas já pegaram a doença só no Jacarezinho, pela enormidade de relatos que recebemos. Para mim, a pandemia foi um sacode. A corda arreventou mesmo para o lado mais fraco.”¹⁷O problema da subnotificação estimulou experiências inovadoras, como o Painel Unificador Covid-19 nas Favelas, criado por uma rede autônoma de movimentos sociais em julho de 2020. Trata-se de uma iniciativa colaborativa, cujo objetivo principal foi apoiar os esforços de prevenção realizados por movimentos comunitários para informarem moradores e pressionar por políticas públicas necessárias, além de fornecer uma visão mais precisa do impacto da pandemia nesses territórios. Com apoio técnico da FIOCRUZ, o painel fornece dados para que os movimentos divulguem diariamente em portais de notícias comunitárias e redes sociais informações sobre o andamento da pandemia.

Diante do caos instalado, a grande lição que fica é justamente do movimento associativo de favelas. Além do esforço de comunicação, outras iniciativas foram se manifestando em diversas favelas, demonstrando não somente solidariedade, mas um fino conhecimento adquirido de mobilização em contextos de crise (GONÇALVES, 2015): distribuição de cestas básicas, kits de higiene, instalação de pontos de água, mapeamentos de doentes, sanitização das ruas das favelas, distribuição de recursos para compra de gás e estratégias de isolamento. Tal mobilização se apresentou de forma muito diversa dependendo das favelas, mas apresentou uma lógica de rede, onde parcerias de ideias e recursos circulam entre os grupos envolvidos, como a campanha coletiva de arrecadação de dinheiro *Covid 19 nas favelas*, que mobilizou recursos para diferentes movimentos nas favelas.¹⁸

17 Jornal O Globo, 1º de agosto de 2020.

18 <https://www.covid19nasfavelas.meurio.org.br/#block-14404>(acesso agosto de 2020)

Podemos citar, ainda, as iniciativas realizadas pelo grupo Eco do Santa Marta, que entregaram milhares de máscaras e cestas básicas, aproveitando as igrejas (católica e evangélica), centros espíritas e associação local de Moradores como pontos de entrega (GRUPO ECO, 2020, p.1). Chegou a contratar uma moradora local, ex-agente de saúde da clínica da família e assistente social, para abordar os familiares e conversar sobre as mortes, com o objetivo de saber quantos morreram de Covid 19 e em que condições (GRUPO ECO, 2020, p. 2).

O momento aponta, pois, para a retração das políticas sociais e em contrapartida para a urgência de dialogar com as formas criativas de lidar com a pandemia nas favelas. As populações periféricas, sobretudo as faveladas, se mostram mais flexíveis para responder às demandas do cotidiano. Entretanto, para resistir no contexto atual, será necessário ultrapassar esforços pontuais e investir em um mapeamento de ações, formação de redes e na constituição de grupos com maiores capacidades de mobilização para incidir na formulação de políticas públicas.

Veloso e Martins (2020) explicam a importância do trabalho comunitário, mas afirmam a importância de políticas públicas, já que não cabe a essas organizações resolverem problemas estruturais de saneamento, sistema de saúde ou de ajuda financeira aos trabalhadores. Afirmam, assim, que é preciso políticas públicas, que garantam o direito mínimo para a população favelada. Ao sairmos dessa crise, seria importante reconhecer que foi a mobilização dessa população que evitou o caos completo. As diversas iniciativas nas favelas assumiram responsabilidades distintas, tanto no âmbito da saúde e da assistência, e permitiram uma resposta mais contextualizada à pandemia. Isso demonstra a enorme capacidade e potencial das favelas e seus moradores, destoando, mais uma vez, das recorrentes representações negativas associadas a esses espaços.

4. Repensar as favelas como espaços de resistência

Como analisam Fleury e Menezes (2020, p. 279), sempre existiram carências nas favelas, mas quando tais carências suscitam demandas e acionam ações coletivas, já estamos falando de potências. Lideranças e ativistas locais lançaram mão de seus contatos externos e sua capilaridade para assegurar, por exemplo, informação, sanitização, atendimento remoto, proteção (máscaras e álcool em gel), pias para lavagem das mãos e alimentação (cesta básica) para as famílias vulneráveis nas favelas. Segundo Tiago Firmino, um guia turístico de 39 anos, que voluntariamente desinfecta as ruas estreitas da favela

Santa Marta: "O coronavírus é só mais um problema para os moradores e a favela. Aqui já morremos de bala perdida, problemas sanitários e tantos outros comuns."¹⁹

Ora, as respostas das favelas contra a pandemia demonstram a capacidade de seus moradores em responder a eventos extremos. Cunha et ali (2015, p. 115), à partir do caso do coletivo Juntos pelo Alemão, sustentam que a experiência coletiva de resistência nesses contextos se traduz na criação de redes de apoio e troca de informações com a retomada de fóruns coletivos de debate e intervenção. Se a provisoriidade é a marca das políticas voltadas para as favelas, como sustenta Cunha et ali(2015, p. 116), "a dimensão da permanência e do pertencimento encontra-se presente, por meio de suas lutas comunitárias ou mesmo de seus projetos de moradias, construídas em um esforço coletivo e em suas redes de sociabilidade, tecidas ao longo dos anos"

Ananya Roy corrobora com esse entendimento, quando utiliza a expressão de urbanismo subalterno como forma de reconhecimento a espaços de pobreza e formas de agência popular que muitas vezes permanecem invisíveis e negligenciadas nos arquivos e anais da teoria urbana (ROY, 2017, p. 8). Nesse contexto, Benjamin (ibid.: 719, 725 apud ROY, 2017, p. 12) sustenta que o urbanismo das favelas é necessariamente "subversivo" e possui uma "consciência política que se recusa a ser disciplinada pelas ONGs e pelos ativistas progressistas bem-intencionados".

Nesse mesmo sentido, Cunha et ali (2015, p.117) sublinham a importância do conhecimento produzido nas favelas, identificando que os movimentos de favelas frente às situações extremas buscam enfrentar as invisibilidades e o silêncio da sociedade frente à negação histórica de direitos aos moradores desses territórios, de forma a romper com as dificuldades de circulação de discursos contrahegemônicos sobre as favelas. Tais lutas demonstram, ao contrário, um fino conhecimento dos moradores. Garantir a memória dessas iniciativas é ao mesmo tempo um dever e uma denúncia à resposta criminosa dos poderes públicos à pandemia.

É importante valorizartais discursos, já que os saberes produzidos circulam em espaços restritos e são sistematicamente negligenciados por instituições, especialistas e sistemas públicos de informação (CUNHA et ali, Op.Cit., p.117).As intervenções dos poderes públicos não têm sido suficientes para responder à pandemia. Os governos têm enfrentado os problemas de forma paliativa e negligente, o que reafirma a necessidade da identificação, reconhecimento, construção e difusão de formas de resistência social no âmbito das favelas. Acreditamos que os discursos produzidos nas favelas devem ser

19 Ver Jornal O Estado de Minas, 24 de abril de 2020.

valorizados não somente quando abordam as questões impostas às próprias favelas, mas também em relação à toda a sociedade. Assim, parte da solução da crise vindoura pode estar nas respostas construídas nas favelas.

As inovações elaboradas pelos favelados no contexto da pandemia convidam o Estado e os diferentes seguimentos da sociedade ao enfrentamento das graves injustiças sociais e raciais do Rio de Janeiro. Destacamos, assim, que tais inovações não se limitam aos desafios impostos pela pandemia, mas indicam possibilidades de emergência de novas formas societárias, ou seja, demonstram que voltar ao “normal” do pré-covid não é e nem pode ser nosso objetivo ao sair da crise atual.

5. Referências

ANTUNES, Ricardo. Coronavírus: **O trabalho sob fogo cruzado (Pandemia Capital)**. Boitempo, São Paulo, 2020.

CLAPP, Andreia, GONÇALVES, Rafael Soares e BASTOS, Valéria Pereira, **A crise provocada pela COVID-19: antigos problemas em um novo cenário** in LOLE, Ana, STAMPA, Inez e GOMES, Rodrigo Lima (org), Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia, 2020, p.146-156.

CUNHA, Marize Bastos da et ali, **O desastre no cotidiano da favela: reflexões a partir de três casos no Rio de Janeiro**, *Revista O Social em Questão*, nº33, 2015, p.95-122.

FERREIRA, Dayanne de Moraes. **A mercantilização da política de saúde brasileira: análise do fundo público no período neoliberal**. VI seminário CENTROS - Crise e mundo do trabalho no Brasil: desafios para a classe trabalhadora. UECE, Ceará, 2018.

FLEURY, Sonia e MENEZES, Palloma, **Pandemia nas favelas: entre carências e potências**, *Saúde em debate*, vº44, nº 4, 2020, p.267-280.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Rafael Soares e MACIEL, GlaucioGlei. **Covid 19 e as formas de resistência social nas favelas cariocas**, In Magalhães, Alex et ali, *Cidades: dilemas, desafios e perspectivas*, 2020, p.157-174.

GONÇALVES, Rafael Soares. **São as águas de março fechando o verão...”: chuvas e políticas urbanas nas favelas cariocas**, *Revista Acervo*, nº 28, 2015.

GRUPO ECO, **A Covid-19 na Favela Santa Marta. Mortes ocorridas na favela no período de Fevereiro a Junho** de 2020, Rio de Janeiro: Mimeo, 2020.

HALL, Colin Michael. **Planejamento turístico, políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.

HARVEY, David. **Política anticapitalista em tempos de coronavírus**. Boitempo, São Paulo, 2020. Acesso em: 04/08/2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/24/david-harvey-politica-anticapitalista-em-tempos-de-coronavirus/>(acesso agosto 2020).

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte & Ensaios, nº 32, 2016, p.123-151.

MENEZES, Palloma Valle, MAGALHÃES, Alexandre Almeida de e SILVA, Caíque Azael Ferreira da, **Painéis comunitários: a disputa pela verdade da pandemia nas favelas cariocas**, *Horizontes Antropológicos*, nº59, 2021, p.109-128.

OLIVEIRA, Anelize Martins de. **Planejamento participativo como instrumento de Desenvolvimento turístico responsável**. Caderno Virtual de Turismo, Vol. 8, n. 3, 2008.

ROY, Ananya, Cidades faveladas. Repensando o urbanismo subalterno, Revista e-metropolis, nº31, 2017, p.6-21.

TORRES, Vilma. **Domésticas estão entre as mais expostas à contaminação pela Covid-**

19. UFRN, Rio Grande do Norte, 2020. Acesso em 05/08/2020. Disponível em: <https://ufrn.br/institucional/sobre-a-ufrn>

VELOSO, Flávia e MARTINS, Gizele, **“Coronavírus no Dia a Dia das Favelas, Parte 5: Resposta da Maré Frente ao Desafio de Informar”**, 2020 in <https://rionwatch.org.br/?p=46504>

ZAOUAL, Hassan. **Do turismo de massa ao turismo situado**. Quais as transições. In: BARTHOLO, Roberto, SAN SOLO, Davis Gruber e BURSZTYN (org). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem; COPPE-UFRJ, 2009.